

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FaE  
FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE EDUCADORES INDÍGENAS – FIEI

Naiara Rodrigues da silva  
Gesicar Aline Rodrigues da Silva

*Viva quem já casou. Vive quem quer casar*

CASAMENTOS TRADICIONAIS XAKRIABÁ

BELO HORIZONTE – MG

2017

NAIARA RODRIGUES DA SILVA  
GESICAR ALINE RODRIGUES DA SILVA

*Viva quem já casou. Vive quem quer casar*

CASAMENTOS TRADICIONAIS XAKRIABÁ

Monografia apresentada ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientador: Pedro Rocha

BELO HORIZONTE,

MAIO DE 2017

*Aos nossos filhos, esposos, pais, irmãos, sogros, sobrinhos, cunhados e a nossa família em geral, especialmente ao povo Xakriabá, que é a nossa raiz e fonte de sabedoria.*

## **Agradecimentos**

Agradecemos primeiramente a Deus por ter nos dado essa oportunidade de estarmos aqui e ter chegado até onde estamos com muita garra e dedicação. Às vezes pensamos em desistir, mais graças aos nossos familiares e amigos que nos deram força e muita coragem não desistimos. Agradecemos também aos nossos esposos Edime Viana e Rudimar Novais que muitas vezes nos ajudaram e lutaram juntos com a gente para conseguirmos vencer; aos nossos filhos Jadison, Kaique, Pedro Muriel e Estela que são nossas estrelas e que com seu brilho nos iluminou e nos deu inspiração e muita força, aos nossos pais e em especial as pessoas que também contribuíram na construção desse trabalho com seus diversos conhecimentos, Dona Antônia, dona Benedita (in memória), Rosalina, Geraldina e Meiralice que nos permitiram entrevista-las e que serviram de base para nosso trabalho. Às lideranças do povo Xakriabá, em especial Sr. Valdemar, Sr. Valdim e Silvino que nos acompanhou nessa trajetória. Aos mais velhos, aos colegas, obrigado ao nosso professor e coordenador da turma CSH Paulo Maia ao nosso orientador professor Pedro Rocha que nesses cinco anos de caminhada nos incentivou muito e não mediram esforços para nos ajudar, a todos os professores da turma CSH. Agradecemos também à bolsista Cynthia que teve papel muito importante nesse momento que passamos até aqui. Agradecemos também ao Djonata Dias aluno da LAL que nos deu força e nos acompanhou até aqui, agradecemos também aos nossos colegas das outras turmas pela força e em especial nossos parentes de outra etnia pelo prazer de conhecê-los e pela amizade, foi muito bom esses anos de convivência, aos colegas da CSH por esses anos de convivência e companheirismo. Muito obrigado.

## **Resumo**

O nosso tema de pesquisa é o casamento tradicional Xakriabá. Escolhemos esse tema por termos interesse em mostrar as mudanças que ocorreram entre o casamento de antes para o casamento atual.

Nosso objetivo com esse trabalho é buscar e resgatar esses costumes de como eram realizados esses casamentos aqui no povo Xakriabá, e procurar entender o que mudou. Com os nossos registros, queremos mostrar para os jovens, crianças e a todos da nossa comunidade que essas tradições estão sendo esquecidas, e que o nós podemos fazer pra isso não morrer, pois isso faz parte da nossa cultura.

Palavras chave: Conhecimento tradicional – Casamento Xakriabá – Memória - Parentesco.

# Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>Casamento de antigamente .....</b>	<b>10</b>
<b>Casamento de hoje .....</b>	<b>13</b>
<b>Cortejo.....</b>	<b>14</b>
<b>Namoro .....</b>	<b>15</b>
<b>Despedidas .....</b>	<b>15</b>
<b>Comidas.....</b>	<b>16</b>
<b>Loas.....</b>	<b>17</b>
<b>Enxoval dos noivos.....</b>	<b>23</b>
<b>A festa de casamento.....</b>	<b>23</b>
<b>Caso de namoro .....</b>	<b>24</b>
<b>Caso de despedida .....</b>	<b>24</b>
<b>Caso de casamento .....</b>	<b>24</b>
<b>Cantigas cantadas.....</b>	<b>24</b>
<b>Cantigas cantadas à moça que está noiva e vai se casar .....</b>	<b>25</b>
<b>Cantigas cantadas convidando os companheiros para acompanhar os noivos até o cartório ou igreja .....</b>	<b>25</b>
<b>Cantigas cantadas aos noivos ao retornar do local de casamento .....</b>	<b>25</b>
<b>Cantigas cantadas na despedida de solteiro .....</b>	<b>25</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>26</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>27</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>28</b>

## Introdução

Eu me chamo Gesicar Aline Rodrigues da Silva Leite, mas sou conhecida como “Cozinha”. Nasci na aldeia Rancharia, município de São João das Missões. Vou fazer esse trabalho junto com a Naiara. De início nós íamos fazer sobre remédios caseiros, mas como já havia muitos trabalhos feitos com esse tema pensamos em casamento, ou melhor, o casamento tradicional do povo Xakriabá. Neste trabalho vamos falar do casamento e ressaltar a importância das tradições dos casamentos e mostrar ao público a grande riqueza do que é um casamento Xakriabá tradicional.

Escolhemos fazer esse tema porque hoje aos poucos estão se perdendo essas tradições, esse jeitinho do povo Xakriabá realizar seus casamentos, então é importante registrar para que futuramente essa tradição não se perca porque nossos anciões estão se acabando e seus conhecimentos indo juntos com eles e registrando é uma forma de não morrer completamente esses conhecimentos que são tão valiosos e importantes para nosso povo.

Nos Xakriabá estamos localizados no norte de Minas Gerais, município de São João das Missões à margem esquerda do rio São Francisco, a população Xakriabá é a maior de Minas Gerais: é de aproximadamente 10.500 indígenas distribuídos em 34 aldeias (SOUSA, 2016: 15).

Nosso território tem extensão de aproximadamente 100 hectares, e se estende entre os rios Itacarambi, Peruaçu e São Francisco, e é banhado por outros pequenos rios, temporários e permanentes.

Em meados do século XVIII, nós povo Xakriabá vivíamos às margens do rio São Francisco, e ocupávamos outros lugares, pois ainda não éramos obrigados a morar só dentro do território demarcado.

Sofrendo a opressão do bandeirante Matias Cardoso, e sendo obrigados a fazer suas vontades, fomos proibidos de nos disseminar para outros lugares, e tivemos que viver aldeados em um pequeno pedaço de terra cedida por seu filho Januario Cardoso. Mas, com o passar do tempo e com as reformas políticas que ocorreram naquela época, tivemos que devolver a terra cedida por Januario, por não possuímos documentos que comprovassem que aquelas terras eram devidamente nossas.

Com isso começaram tempos difíceis de muita luta e resistência por algumas lideranças com o objetivo de retomar as terras e conseguir a demarcação do território, quando grandes homens como Rosalino Gomes de Oliveira dentre outras lideranças indígenas foram assassinadas a mando de fazendeiros por eles ter denunciado as invasões feitas pelos não índios na terra Xakriabá. Só depois de muito sangue derramado conseguimos demarcar uma parte do nosso território. (www.socioambiental.org, acessado em 15 de abril de 2017 )

O clima na TI Xakriabá é bastante quente durante todo o ano, e a estação de chuva é entre os meses de outubro a março, Mas cada ano que passa o índice de chuva diminui cada vez mais. Passamos por longos períodos de seca durante o ano, por isso, apesar do território ser grande, poucas áreas nos permitem a nossa ocupação. Cada aldeia tem uma liderança, que assume um papel importante na comunidade com o objetivo de buscar e resolver os problemas que surgem.

Os solos têm suas variações por todo território. Em algumas áreas o território é mais alto, onde se encontra os maciços de calcário, com muitas cavernas. E tem alguns pontos que o solo é mais arenoso, como nos tabuleiros, e em outros predomina o barro, solo mais argiloso nas baixadas e brejos.

Os tipos de vegetação que predominam são o cerrado e a caatinga, as principais espécies são: pequi, buriti, coquinho azedo, cagaita, jatobá, aroeira, juazeiro, jurema, braúna, pau d' arco, itapicuru, pau-jeú, genipapo, imbu, cajueiro, cabeça de nego, barriguda, entre muitas outras.

Os animais mais comuns no território são veado, cutia, tatu, onça, coelho, raposa, tamanduá, gambá, etc. Alguns já em extinção devido à caça exploratória fora de época e à destruição do meio ambiente nas áreas fora da TI.

Nosso trabalho, feito com base em entrevistas com pessoas conhecedoras da nossa comunidade, está dividido em 11 partes.

Na primeira parte vamos falar sobre os casamentos de antigamente nos Xakriabá, sobre os rituais desse casamento, como eles aconteciam, e como eram realizados, do namoro até o casamento em si.



Na segunda parte vamos falar do casamento atual e das respectivas mudanças do casamento de antigamente para o casamento de hoje.

Na terceira parte vamos falar do cortejo, que é o nome que se dava quando um rapaz cortejava uma moça, ou seja, namorava, como se diz nos tempos atuais e como era feito esse cortejo à moça. Já na quarta parte, vamos falar do namoro atual, e de suas mudanças em relação ao cortejo de antigamente.

Na quinta parte vamos falar sobre a despedida de solteiro, festa realizada antes do casamento pelo noivo para ele se despedir da vida de solteiro. Vamos falar como era essa festa, que atualmente não acontece mais.

Na sexta parte vamos falar sobre as comidas do casamento e suas respectivas mudanças no atual. Como eram preparadas, que comidas eram essas, incluindo as comidas de hoje e as mudanças ocorridas.

Na sétima parte falaremos sobre as loas, o que são as loas, e sua importância para o casamento, e como são jogadas e realizadas no casamento, e seu papel nas festas.

Na oitava parte falaremos do enxoval da noiva, como era preparado, de que maneira e como a família fazia para preparar esse enxoval.

Na nona parte falaremos sobre a festa do casamento. Descreveremos como elas eram realizadas, e falaremos também das respectivas mudanças dessas festas, de antigamente para a atualidade.

Na décima parte contaremos alguns casos sobre o cortejo, despedida e do casamento, casos que realmente aconteceram e que foram considerados engraçados e que são lembrados até hoje.

Na décima primeira parte temos algumas cantigas que são cantadas no casamento, em momentos diferentes, e que achamos muito importante colocar em nosso trabalho.

## Casamento de Antigamente

Nessa parte vamos falar sobre o casamento de antigamente. Nosso relato foi escrito a partir de entrevista com Dona Benedita (*in memória*)

Bom, pra começar Dona Binú, e suas duas filhas Lina e Dina elas falaram do namoro, disseram que antes pra namorar tinha que ser através dos buracos na parede, pois seus pais não deixavam ter contato com o namorado e enquanto o pai conversava com o namorado da filha na sala elas ficavam espiando pelo buraco na parede do quarto. Antes pra casar tinha a despedida do noivo, ou como elas mesmas disseram “a ferra”. Conta a senhora Dina que no dia do seu casamento ela estava tão ansiosa que 16:00 horas da tarde ela já estava tomando banho na lagoa para se arrumar e casar logo.

Ela também disse que os casamentos daquele tempo, na década de 1980 eram realizados no cartório de São João das Missões, e que o noivo comprava as alianças. O vestido da noiva era passado de noiva pra noiva, e quando estas não tinham condições para comprar um novo vestido pediam emprestados de amigos ou familiares mais próximos. Contam também que o vestido com que elas casaram outras mulheres pediram emprestado, e ele acabou rasgando e elas tiveram que vender o vestido. Elas falam ainda que os vestidos daquela época eram todos de manga comprida com véu e grinalda, e as noivas tinham que se casar virgens, pois se não fossem virgens ao entrarem na igreja o véu pagava fogo. Uma coisa que é interessante que elas contaram foi que quando noiva era menor de idade dava-se uns anos pra se casar.

No dia do casamento as pessoas iam de pé ou a cavalo para o casamento, e era da seguinte forma: se só o noivo tivesse convidado, as pessoas se ajuntavam na casa do noivo, se fossem convidadas só pela noiva, as pessoas se ajuntavam na casa da noiva. Depois os convidados do noivo iam todos juntos e todo o trajeto era acompanhado por sanfona. Quando chegavam à casa da noiva jogavam flores na noiva e só tiravam o vestido depois da meia noite, que era quando o galo cantava. Elas falaram que fazia mal tirar o vestido antes desse horário.

Dona Binu contando cheia de lembranças que seu casamento durou três dias e o forró durava até o amanhecer do dia. Nessa época não havia luz e os casamentos eram iluminados com candinheiro ou pela própria luz da lua cheia. Disse também que os casamentos eram arranjados e casavam-se entre primos.

Antes entre os Xakriabá aconteciam muitos casamentos entre primos, pelo fato de a aldeia ser pequena e povoada por parentes próximos. Nos dias de hoje, isso ocorre com menos frequência do que antes devido à entrada de outras famílias na comunidade, e também porque a nossa aldeia Rancharia é hoje dividida por uma BR, a BR 135.

Em nossas pesquisas descobrimos que o casamento entre primos é a forma mais comum de parentesco entre os índios do Brasil, e com a gente não era diferente. Segundo o site do ISA, “os casamentos preferenciais entre os Xakriabá ocorriam entre primos, mas essa prática foi fortemente desestimulada por representantes da igreja católica, os quais cobravam multas para os primos que pretendiam se casar” ([www.institutosocioambiental.org](http://www.institutosocioambiental.org), acessado em 15 de abril de 2017).

Assim, não é coincidência que o relato de Dona Antonia Xakriabá, sobre o primeiro casamento que ela teve conhecimento, quando ela era ainda moça, foi também entre primos. Fizemos entrevistas com a Dona Antônia, que tem aproximadamente 70 anos. Ela nos contou que:

Pelo conhecimento que eu tenho, o primeiro casamento que eu acompanhei foi de uma prima com um primo. Ainda era assim: o pai da menina e pai do noivo eram irmãos, e a mãe da menina mais a mãe do noivo eram irmãs. Era primos irmãos era o casamento de minha comadre Avelina mais o compadre Augusto, O pai da comadre Avelina era irmão do pai de compadre Augusto, a mãe de comadre Avelina era irmã de compadre Augusto, e aí não teve pra onde mudar o sobrenome para diferenciar, pois era tudo com o mesmo sobrenome e ainda falaram assim, está casando aqui um irmão com uma irmã.

A arrumação da noiva era mais simples. Antigamente usavam o cabelo solto e, na nossa aldeia quem ajudava a arrumar a noiva era, e em muitos casos é ainda, uma senhora conhecida como Dona Zita. Esse era o costume antigo. Era uma pessoa de referência da aldeia que arrumava todas as noivas. Essa senhora, inclusive, ainda hoje, sempre é chamada para ser madrinha. Ela é madrinha de muitos casamentos até hoje na aldeia Rancharia.

Hoje em dia já tem aquelas empresas pra arrumação da noiva, que já vem com um pacote incluído pra arrumar a casa, a igreja, fazer cabelo e maquiagem. Quando contratam pra isso eles já dão tudo pronto. Agora quase todos os casamentos são feitos por esse tipo de empresa. Quem não tem condições financeiras pra pagar esse tipo de

evento, pede ajuda, muitas vezes para a própria Dona Zita, e outras vezes para prefeitura, vereadores ou para a própria comunidade.

Sempre teve tradição de não deixar o noivo ver a noiva com o vestido antes do casamento, para não dar azar. Outra coisa que a nossa pesquisa mostrou foi que quando havia o casamento de duas irmãs, uma tinha que entrar na igreja pela porta da frente e a outra pela porta dos fundos. Quando o casamento era na casa, era a mesma coisa: uma tem que entrar pela frente e a outra pelos fundos. Se não fosse assim uma das noivas poderia até morrer. Dizem que ocorram no passado casos desse tipo na nossa aldeia, já que esse tipo de casamento era muito comum. A minha sogra mesmo disse que ela casou no mesmo dia que a irmã, e que uma entrou pela frente e a outra pelos fundos.

Quem adorava quando tinha casamentos eram as moças solteiras. Elas ficavam de olho no buquê da noiva, pois pela tradição quem pegasse o buquê seria a próxima a se casar. Antes o buque era natural, era chamado de “ramo”. Hoje, como as noivas alugam tudo, o buquê já vem incluído, e sempre é de flores artificiais. Só quem pode muito, tem condições de casar com um buquê natural. Na nossa aldeia, que a gente lembre, só teve um caso nos últimos anos de uma noiva que casou com um buquê natural.

Nossas entrevistadas lembram com bastante alegria a beleza que era os casamentos de antes, com muita fartura, muita comida. Todos curtiam alegres, a mesa era preparada no quintal pela família da noiva, tinha galinha cheia, lombo assado, carne de gado, arroz, feijão, lingüiça caseira, macarrão, conhaque, pinga, cortezano, jurubeba e caipirinha. Toda essa comida era preparada pelas pessoas mais próximas da família, e por algumas pessoas de referência na comunidade que já faziam isso normalmente. Até hoje ocorre que tem as pessoas já indicadas, com maior experiência, que fazem esse tipo de serviço.

Antes as noivas não ganhavam presentes. Eram os pais da noiva que preparavam o enxoval. Elas contam que nem a chuva impedia que acontecesse o casamento. Bolo antes também não tinha, faziam sacos de biscoitos e sempre as pessoas próximas ou que podia ajudar contribuía com algo para o casamento. Quando, a última filha se casava tinha que arrodar a casa três vezes, e na chegada da noiva em casa eles jogavam flor, e também quando ali dava 4:00 da manhã a mãe ia dançar com uma panelinha de barro na cabeça, um pote ou coisa assim, e a panela tinha que ser virgem, uma panela que nunca

foi usada. Ela enchia a panela de flor, e ia dançar com ela na cabeça. Segundo Dona Antônia, a mãe da noiva:

Vai dançando vai dançando, ai quando dá a última volta ela faz que tropeça, e a panelinha cai no chão e quebra. Aí agora vai todo mundo dançar em cima dos cacos, até acabar de esbagaçar e virar farinha. Não tinha dama de honra. Me disseram também que era apenas três meses de namoro e já tinha que casar.

### ***O casamento de hoje***

Hoje o casamento é totalmente diferente, está mais moderno e perdendo as tradições, pois as pessoas estão preferindo a praticidade que o mundo oferece hoje com suas tecnologias. Apesar de serem assim, ainda há pessoas que quando se casam saem a pé para convidar as pessoas de boca para seu casamento, outras dão convites, mas mesmo assim, algumas tradições, como de só tirar o vestido depois da meia noite, hoje ainda são respeitadas. Fazem a festa na casa da noiva com uma mesa bem grande, cheia de comidas e bebidas. Mais hoje, ao invés da festa ser no terreiro, ao ar livre sob a luz do luar, faz barracas com palha de coco e lona. O forró ainda existe nos casamentos, mais não é de sanfona, contratam alguns cantores aqui mesmo da região para tocar no casamento e não vai até o amanhecer, fazem bolo, dão lembranças, os convidados levam presentes. A família do noivo é responsável pelas bebidas e a da noiva pela comida e o restante os padrinhos e madrinhas dão.

O vestido não é mais de manga longa e sim de manga curta com véu sem grinalda. Para a arrumação a noiva contrata pessoas para arrumá-la, quem não tem condições de contratar alguém pessoas amigas mesmo arrumam a noiva e fazem a maquiagem. Na questão da mesa de jantar há algumas variações, por que hoje a maioria das pessoas fazem a festa de casamento na creche da aldeia, então quando é assim são colocadas mesas individuais no pátio da creche. Contratam fotógrafos e depois jogam todas as fotos em um DVD e também fazem álbum de fotos. E assim com ao passar dos anos tudo vai se transformando e mudando o jeito das coisas de antes.

## *Cortejo*

Segundo Dona Antônia Xakriabá:

No meu tempo os namoros começavam assim que o rapaz se interesse pela moça, quase nem tinham encontros, pois quando o rapaz ia à casa dos pais da moça pela qual ele tinha interesse já era pra pedir-la em casamento, o namoro era junto com o pai e a mãe, os dois sentavam juntos na vista do pai e da mãe da noiva, não tinha beijos e abraços, era apenas conversa e apertos de mão. E o namoro seguia, no dia em que pedia a mão da moça em casamento já marcava a data. Antes as datas não eram marcadas como hoje, que são três meses de espera, antes só esperava 15 dias para se ter o resultado do cartório. Depois das datas marcadas a família da noiva ia tratar de cuidar dos preparativos da festa.

Segundo Dona Meiralice Xakriabá:

No tempo de meus pais, os namoros eram completamente sigilosos, pois só namoravam por buracos feitos nas paredes de casa e eram os pais da moça que arranjavam o casamento de sua filha

Para ela isso não era namoro e disse também que era raro o rapaz ver a moça antes do casamento como também raramente as moças daquele tempo conseguiam abrir buracos nas paredes para verem seus pretendentes. Segundo ela, no tempo em que sua mãe se casou foi assim, ela só pôde ver seu futuro esposo no dia do seu casamento disse também que quando a mãe dela viu o rapaz com quem ia se casar no cartório ficou muito triste e pensou logo em fugir para o mundo, pois não era um rapaz bonito. Os casamentos de antes eram arranjados pelos pais, mas para que houvesse o casamento os rapazes tinham que passar por alguns testes, os pais das moças davam ferramentas ruins para os rapazes e pedia para eles irem na roça, escolhessem a mata mais fechada e a braúna ou aroeira mais resistentes e a cortassem com as ferramentas que não eram tão boas, o rapaz que conseguisse derrubar para os pais uma dessas arvores era o que ia se casar com a moça, pois segundo eles os que não conseguem não eram bons pretendentes. Já a moça tinha que cozinhar e fazer café para os noivos, depois que tudo estava cozido a mãe da moça levavam a comida para o rapaz se a comida estivesse boa, a moça passava no teste, se a comida estivesse ruim não tinha casamento.

## *Namoro*

Os namoros nos tempos atuais são completamente diferentes do cortejo de antigamente, as pessoas se conhecem e começam a namorar, depois é que o rapaz pede a mão da moça em namoro, alguns pedem os pais a mão da moça em namoro, outros não, alguns namoram, assumem compromisso sério, alguns casam outros não, ficam um tempo e depois terminam, e não levam a sério o namoro.

A forma de namorar também se diferencia, pois antes era só de mãos dadas e conversas na frente dos pais, beijo e outras coisas só depois do casamento. Hoje, assim que começam a namorar já tem beijo, abraço e até mesmo relações sexuais antes do casamento.

## *Despedidas*

Antigamente também fazia a despedida do noivo, ele fazia separado da noiva pois a noiva não podia estar presente na despedida do noivo. Ele convidava os amigos e algumas mulheres para se divertir, fazia uma grande festa com sons de sanfonas, pandeiros, triângulos e bumbas.

E tinha algumas cantigas que eram cantadas nessas despedidas, como:

*“Levanta Maria bonita / levanta vem coar café / café com biscoite é ótimo / Maria é bonita é no arrastapé”*

E também tinha uma que eles cantavam quando iam pro cartório no Jacaré (atual cidade de Itacarambi):

*“Oi Geraldo / O que é José? / É a sanfona 120 que vai tocar no jacaré”*

Já a despedida da noiva tinha um nome específico Chá de panela, onde ela convidava suas amigas sendo que também o noivo não podia estar presente nessa despedida. As mulheres que estava na festa fazia com a noiva uma espécie de dinâmica onde vendavam os olhos da noiva e colocavam os presentes na mão dela para que ela pudesse adivinhar o que era, cada erro que a noiva tinha as amigas pintavam a cara dela com batom, também tinha muita musica, comida e bebida.

Atualmente nos casamentos de hoje não se faz mais essas despedidas, nem do noivo e nem da noiva.

### *Comidas*

Antigamente as comidas dos casamentos eram produzidas dentro da aldeia, a família da noiva criava os próprios animais que serviam de carne, produziam o próprio arroz, feijão e farinha de mandioca.

Os tipos de comida da festa era arroz, feijão, carne, pão de queijo, bolos, petas, fofão, e bebidas como a cachaça, presidente e refrigerante.

Hoje as comidas das festas de casamento atuais, são todas compradas, não se produz mais em casa, não tem mais os bolos, petas, pão de queijo, fofão que se faziam nas festas antigas. As bebidas que se servem hoje nas festas são cerveja, às vezes cachaça e refrigerantes.

As comidas dos casamentos de antigamente eram preparadas do nosso jeito, eram todas cozidas no fogão à lenha e eram puras, não tinham nenhuma mistura dentro do arroz. O feijão era preparado de duas formas: de caldo ou feito farofa com o torresmo de porco, ou seja, o famoso feijão tropeiro. As carnes se faziam de varias formas, cozidas, assadas ou frita, assim era feita com as carnes de todos os animais, porco, galinha, boi, peru, cocá e galinha. A galinha cheia que era um dos pratos que só se servia em casamentos e não podia faltar na mesa. Elas tratavam a galinha e não cortava em pedaços, retiravam somente às penas, os pés, a cabeça e as tripas, depois colocavam farofa e os miúdos da galinha dentro dela e colocavam para assar, a galinha era aberta pelas costas e costurada, sabendo que esse e outros pratos eram servidos na mesa dos noivos e para os padrinhos e madrinhas que se sentavam à mesa. As outras pessoas que não se assentavam a mesa não comiam desses pratos pois eram servidos apenas na mesa. Outro prato que era de suma importância nos casamentos daquele tempo era a “Brividade”, uma espécie de bolo que também só se fazia em festas de casamento e que não era preparado por qualquer pessoa, tinha a pessoa certa para fazê-lo. Nesse bolo ia bastante ovo, era adoçado com rapadura, mel de jataí ou de Oropa, colocava o caldo da cana para ferver até engrossar, depois pegavam o caldo grosso e colocavam na massa do milho e o segredo era bater muito a massa. A brividade só podia



ser feita em gamela de pau. Eram servidos também carne de bode, buchada de bode, doce de mamão e caldo de cana. As bebidas eram servidas pra todos que quisessem, os bolos preparados e usados na festa eram distribuídos ao correr da noite. Passavam a noite toda comendo, as comidas eram em grandes quantidades que davam pra comer a noite toda, as vezes sobravam pro outro dia, tinha festa que duravam 3 dias, todos os dias tinha comida e bebida a vontade. Ela disse também que se chover muito no dia do casamento é por que um dos noivos comem ou gostam de comer em panelas.

### *Loas*

Conforme o trabalho de Luzionira de Sousa Lopes, Loa é um ritual onde são jogados versos rimados durante o casamento. Esse costume antigo que é passado de geração em geração e dura até hoje. Além de ser um momento de celebração, alegria essa prática vem valorizar nossa cultura, a loa se joga de forma que desafia outros jogadores de loa a jogar. É uma forma diferente que obriga a outra pessoa a dar uma resposta. Isso é chamado de arremato, onde outro jogador tenta jogar uma loa mais bonita do que a outra que foi jogada. Para muitas pessoas, se não houver loas o casamento fica sem graça, por que as loas fazem parte do casamento tradicional Xakriabá, que se divertem jogando seus versos rimados, porque é uma saudação aos noivos, à festa e à todas as pessoas presentes.

Então quando todos terminam de comer e beber, é hora de jogar loa. Quem joga loa senta-se na cabeceira da mesa, e quando se joga a loa a pessoa que esta falando fica com um copo de cachaça arribado depois que fala a loa bebe a cachaça, e na hora que é falada as loas só as pessoas que jogam podem beber a cachaça.

As loas são faladas nas festas de casamento, e são muito importantes, pois é um conhecimento antigo dos mais velhos, e esse saber não pode deixar de ser dito, pois é uma forma que eles tem de aconselharem o novo casal, e os temas são vários como a cachaça, política, animais, mulheres, e até tragédias, mas o principal é o casamento.

Como a própria Luzionira (LOPES, 2016) cita em seu trabalho, cada pessoa tem um jeito de jogar suas loas. Elas são próprias das pessoas, e são inventadas na hora. Cada um faz a sua, não copia de ninguém. Existe uma ética entre os jogadores de loas a

esse respeito de não jogar a loa do outro, alguns tem suas loas prontas, tem aquelas que em momentos diferentes ocorre mudanças fazendo com que as loas vão se recriando e renovando. Neste trabalho vamos ter uma loa do senhor Pedro, que foi entrevistado por Luzionira, que nos deu a honra de conhecer essa loa que é tão bonita e é jogada nos casamentos.

### ***Loas do Sr. Pedro***

*Quero agradecer o dono da casa*

*Pelo convite que nos fez*

*Para comparecer aqui hoje neste dia*

*Pedir a nossa senhora que abençoa este lar*

*Abençoa esta mesa farta*

*Que nunca é de deixar*

*O pão de cada dia nesta mesa falta*

*Pois onde há uma mesa farta dessa.*

*Nunca faltará união.*

*Muita gente acha*

*Que isso é despesa para um pai de família*

*A maior despesa para um pai de família*

*É ver sua filha enrolada*

*Sem poder casar*

*Com a casa cheia de netos*

*Sem saber onde o pai está.*

*Quero agradecer o servente da mesa*

*Pela sua gentileza*

*Que serviu tudo que tem nessa mesa*

*Diante deste príncipe*

*E também desta princesa.*  
*Quero agradecer*  
*Aquelas que estão na beira daquele fogão*  
*Todas elas ticaram o tição*  
*Todas elas participaram desse feijão.*  
*Estava de bom gosto*  
*O arroz e o carnão*  
*Sem comparação*  
*O frango e o feijão.*  
*Pois da lingüiça*  
*Eu num falo não*  
*Pois da lingüiça eu não comi*  
*Quem comeu da lingüiça*  
*Arriba o dedo e dá sua opinião*  
*Se não quiser arribar o dedo*  
*E dá sua opinião*  
*Num tem problema não.*  
*A lingüiça é caseira*  
*E não é da perdigão*  
*Se do prato ela sumiu*  
*Com certeza nela alguém passou a mão.*  
*Viva daqui pra lá*  
*Viva de lá pra cá*  
*Viva quem já casou*  
*Vive quem quer casar.*  
*Este casamento começou*  
*Através de um namorar*

*Este rapaz chegou para o pai da moça  
E se falou:  
Com sua filha quero me casar  
Diante dos meu olhos  
Só ela consigo enxergar.  
O pai da moça falou pra ele  
Olha antes eu quero lhe fazer um pedido  
Pense antes de casar  
Pra depois não se chorar  
Ao ver você casado com minha filha  
E o prazer do meu coração  
Se for pra casar com minha filha e não zelar  
Deixa ela aqui onde estar  
Quem criou há dezoito anos  
Cria mais vinte que passar  
Minha filha num tem precisão  
De sair de casa  
Pá na casa do outro homem se pastar.  
Até parece que vou casar  
Com uma princesa dessa  
E não vou zelá  
Ela é a dona do meu coração  
A rainha do meu lar  
Quem eu escolhi  
Para ser a dona do meu lar  
Viva daqui pra lá  
Viva de lá pra cá*

*Dão licença minha gente*  
*No que vou falar*  
*Padrinhos e madrinhas*  
*Companheiros e companheiras*  
*Agradece o noivo e a noiva*  
*Pela preferência que tiverem*  
*Para nos convidar para fazer parte*  
*Da sua companhia*  
*Para nós foi uma grande honra*  
*Esta do seu lado durante este dia.*  
*Mas de agora em diante*  
*Nossa companhia vai se distanciá*  
*Mas de onde estiver estaremos*  
*Rezando e orando*  
*Para seu casamento Deus abençoar.*  
*O difícil não é casar*  
*O difícil é viver*  
*Mas não há nada difícil neste mundo*  
*Que um casal que se ama*  
*Não possa vencer*  
*Por mais que se conheça*  
*Quando se casa*  
*Alguma coisa*  
*Tem que se mudar.*  
*Para a moça eu vou dizer*  
*Vestido curto você num pode mais usar*  
*Blusa decotada num é bom nem pensar*

*E para o rapaz u vou explicar  
Acabou aquele tempo  
De dá uma de garanhão  
De sair de sua casa  
Sem dizer pra onde via  
Sem ter hora pra voltar  
Pois agora você tem que dizer pra onde vai  
Tem que ter hora pra voltar  
Se por lá demorar  
Quando chegar alguma coisa  
Tem que explicar.  
E não adianta mentir  
Por que a mentira faz gaguejar  
E a verdade faz chorar  
Onde há mentira  
A felicidade não vem morar  
Viva daqui pra lá  
Viva de lá pra cá  
Viva quem já casou  
E viva quem vai casar.*

### ***Enxoval da noiva***

O enxoval da noiva hoje não acontece, mas quando tinha eram os pais que compravam as coisas e guardavam, até chegar o dia do casamento da filha. Compravam várias coisas, mas uma de cada vez, porque naquele tempo eram muito mais difíceis as coisas. Por isso eles faziam assim, comprava colcha, lençóis, pano de prato, e entre outras coisas. Comprava desde cedo e ia guardando para quando chegasse a hora da

filha se casar, já teriam muita coisa comprada para que quando mudasse pra sua casa própria estivesse com suas coisas quase todas prontas.

Também amigos e outros parentes mais próximos compravam e davam de presente, e falava assim: “este é o meu presente pra você guardar no seu enxoval quando se casar”.

Hoje é diferente, na casa da noiva ela deixa seu quarto arrumado para quando as pessoas cumprimentarem os noivos e entregarem os presentes colocam em cima da cama. Muitos noivos têm sorte, e ganham muita coisa, outros ganham menos. Os que tem mais sorte ganham até geladeira, muitas vasilhas, lençóis, toalha de mesa, liquidificador, entre outras coisas.

Segundo Dona Antônia: “O enxoval era da seguinte forma: comprava o pano para fazer o vestido de noiva, eu mesma fiz dois vestido, comprava o veú, grinalda, o ramo que era o buquê. Os pais ia comprando as coisas de vagar, quem tinha filha mulher de pequininha já tava comprando as coisas, comprando e guardando quando chegasse o tempo de casar a filha já tava com as coisas tudo pronto.”

### *A festa de casamento*

A festa é a hora em que todos se divertem, dançam, porque depois que os noivos chegam do casamento algumas pessoas já estão na casa da noiva, esperando eles chegarem. As pessoas que já estavam na casa esperando jogam arroz cru em cima dos noivos, e todos ali presente dão os parabéns para os noivos. É feito barracas de palha de coco, onde se arruma uma mesa bem grande no quintal da casa para colocarem as comidas e as bebidas para o povo comer depois do jantar começa o forró, antes era o som de sanfona hoje quem tem condições chama cantor, quem não tem é no som mesmo, e as pessoas dançam até acabar o forró.

### *Casos*

A continuação relataremos alguns casos que foram recolhidos em entrevista a Dona Meiralice, de 53 anos, que tem muitos conhecimentos.

### ***Caso do namoro***

O rapaz teve sorte de conhecer a noiva antes do casamento. Daí na primeira vez que ele foi passear na casa dela. O primeiro presente que ele deu pra ela uma libra de trigo. Aí ficou lá, quando foi bem tarde da noite tava um frio e ele fingindo que não sentia frio e quando foi na hora que deu do pai ia mães da moca ir dormir ai ele fingiu que eia embora e entrou debaixo de um palheiro de arroz. Aí madrugada o pai da moca tocou fogo no monte de palha de arroz ai ele saiu doido gritando com um monte de fogo nas costas: “Ai socorro, socorro é eu!”

### ***Caso do casamento***

E aconteceu também outro caso. Não tinha transporte de carro para carregar os noivos e o companheiro, aí eles iam de cavalo. Justo o cavalo que a noiva ia nele assustou aí a noiva caiu, e o vestido ficou sujo de terra, e ela acabou casando só com a nágua e a camisola.

### ***Caso da despedida***

Aconteceu na hora que foi temperar as carnes pra festa da despedida, o cozinheiro tava bêbado e em vêz dele temperar a carne com cominho temperou com canela, aí na hora que os convidados foram comer estavam vendo o gosto diferente e descobriram que era canela e não cominho, e o cozinheiro disse por que eu variei.

## ***Cantigas cantadas***

Nesse capítulo vamos apresentar algumas cantigas que eram cantadas na ocasião do casamento porque cantar algumas cantigas antes da saída dos noivos e depois que eles chegavam, antes era costume. Existe uma cantiga apropriada para cada ocasião.

### ***Cantigas cantadas à moça que está noiva e vai casar***

*Levanta Maria bonita / levanta vem coar café / café com biscoite é ótimo / Maria é bonita é no arrastapé*



***Cantigas cantadas convidando os companheiros para acompanhar os noivos até o cartório ou a igreja.***

*Oi Geraldo / O que é José? / É a sanfona 120 que vai tocar no jacaré*

***Cantigas cantadas aos noivos ao voltar do cartório ou igreja***

*Maria vestida de noiva/ cabelos pretos debaixo do véu/ quando ela passa disse ô querida/ parece um anjo quando vem do céu/ ô Maria o meu bem você já casou/ eu casarei também/ João vestido de noivo/ cabelos pretos debaixo do chapéu/ quando ele passa disse o querido/ parece um anjo quando vem do céu/ o João o meu bem você já casou/ eu casarei também.*

***Cantigas cantadas na despedida de solteiro***

*Chora o noivo e chora a noiva (bis)*

*Até não querer mais que esta vida de solteiro não chega pra você mais!*

## *Conclusão*

Vimos que o casamento de antigamente é um tema muito importante, porque era realizado com base na tradição. Esse fato precisava ser divulgado em nossa comunidade, pois muitos desconhecem esse jeito que era realizado o casamento, e por isso decidimos falar sobre isso. Nosso trabalho foi sobre o casamento tradicional Xakriabá porque este tema que nos chamou muita a atenção, e por isso tivemos a preocupação em resgatar e deixar registrado esse costume, que já esta sendo esquecido na nossa aldeia.

Tivemos como base as entrevistas feitas com alguns mais velhos e sábios de nossa aldeia, que com seu conhecimento e experiências vividas contribuíram para que conseguíssemos pensar sobre as mudanças que vêm ocorrendo no casamento tradicional Xakriabá, desde o cortejo até o casamento propriamente dito, fazendo uma comparação com o casamento nos dias de hoje.

Escolhemos esse tema porque sentimos a necessidade de reforçar mais sobre as tradições dos casamentos e mostrar para os mais jovens como que acontecia, e como é importante e bonito essas tradições que vêm se perdendo com o passar do tempo, além de estar mostrando nossa identidade como parte do povo Xakriabá, para as pessoas que não conhecem a beleza do casamento tradicional do nosso povo.

Nosso trabalho foi muito proveitoso porque, através da transcrição oral, nossos mais velhos nos encheram de conhecimentos que antes não sabíamos. É muito importante porque através do nosso trabalho podemos levar conhecimento aos jovens que nada sabem sobre o casamento Xakriabá. Esperamos que nosso trabalho seja usado nas escolas e que não fique só no papel, mas que as pessoas da nossa comunidade possam usufruir com muito entusiasmo e dedicação.

## **Bibliografia**

ANAÍ Associação Nacional de Ação Indigenista. Plano de Gestão Territorial e Ambiental das Terras Indígenas Xacriabá e Xakriabá/Rancharia: Acordo de subvenção nº 33153/2015 Pnud/ Funai/Anaí. Salvador, 2016.

LOPES, Luizionira de Souza. Loas e versos Xakriabá. BH, 2016.

ISA Instituto Socioambiental da Amazônia. <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/programas/povos-indigenas-no-brasil>. Acesso em 15/04/2017.

## Anexos



Anexo 1: Casamento de Ivanir com seu esposo Adailton (Autoria: Povo Xakriabá – Aldeia Rancharia)



Anexo 2: Casamento de Gesicar (Autoria: Povo Xakriabá – Aldeia Rancharia, 2008)



Anexo 3: A noiva e dama de honra (Autoria: Povo Xakriabá – Aldeia Rancharia, 2008)



Anexo 4: Comes e bebes na casa da noiva (Autoria: Povo Xakriabá – Aldeia Rancharia, 2008)



Anexo 5: Casamento de Gesicar (Autoria: Povo Xakriabá – Aldeia Rancharia, 2008)